

(...) porque às vezes é preciso esquecer de si. Ligeiras Notas sobre delicadezas fúteis.

Luisa Günther¹

Resumo

As palavras que aqui se seguem desdobram sentidos sobre a intimidade como intenção poética para a elaboração de imagens, contextos e proposições em Artes. Não há novidade nenhuma isto. Apenas sinceridade e, considerando o contexto político atual, dizer a verdade deixou de ser uma virtude e passou a configurar ofensa generalizada diante tanta hipocrisia; tanta discórdia; tanta violência.

Palavras-chave

autobiografia; autopoiesis; íntimo; reflexividade.



Nem sempre somos inteiros. Na verdade, quase nunca estamos completos. No entanto, algumas vezes somos surpreendidos com ausências. Existem situações da vida que não desejamos a ninguém: mesmo assim, elas acontecem conosco. O que pode vir a ser dramático, caso não haja nenhuma outra forma de atribuir sentido e significado às circunstâncias e seus desdobramentos. Em todo caso, às vezes, mesmo que haja uma compreensão sensata das sequências de causalidades que desencadearam uma dada situação, isto não implica que ela seja menos traumática. Isto exposto, admito que as palavras escolhidas para inaugurar este discurso apresentam algo vago, elusivo e quase-coloquial. Pois bem, a intenção é justamente esta. Aqui, será preciso ser confessional para dimensionar uma nar-

rativa de si como outra: o que aqui relato, aconteceu comigo, mas não sou eu; fez parte das minhas entranhas, mas não me habita; está em mim, mas não me compõe; deixou suas marcas, para que eu não fosse mais mera paisagem para mim mesma. Não que seja necessária uma linguagem coloquial para ser confessional. Afinal, cada um é cada um: alguns mais sinceros, outros mais alusivos; alguns mais temáticos, outros mais sugestivos; alguns mais engajados, outros mais esquecidos.

Enquanto isso, para além de quaisquer outras qualidades, sou alguém proximal e limítrofe a quem fui. Não sou mais quem já estive. Percebo isto como susto e como alívio.



Figura 1. Luisa Günther (2010). Esta não sou eu. Autorretrato. Foto de Perfil Público de Rede Social.

Existe algo muito libertário em não ser mais quem já fomos. No entanto, também sou alguém muito proximal e limítrofe a quem ainda não sou. Este detalhe instaura uma temporalidade interessante: apesar do presente ser um agora que advém de um passado específico, ter sido de um jeito e não de outro, não é garantia para coisa alguma.

Se considerado como o passado de um futuro que ainda irá acontecer, o presente é indeterminado no momento mesmo de estar vindo a ser passado porque ainda é. Parece confuso, mas basta retomar a leitura para perceber que certas coisas são o que são. As palavras em sua sequência narrativa não transformam elas em nada mais, nada menos que apenas outra verdade.

Posso acreditar que sou quem penso que sou. Ou então: posso ser outra pessoa que sequer desconfio. Principalmente, se acredito no que dizem de mim. Por entre estas dimensões das referências e das percepções, a narrativa (auto)biográfica permite um tipo específico de inserção na forma como uma pessoa pensa e sente a própria experiência; como percebe o mundo em que vive; o que faz, diz, acredita e deseja; como percebe ser percebida por outros; como interage com o seu ambiente social; como compreende o momento histórico no decorrer de sua vida. Estas narrativas engendram e sustentam uma (auto)percepção a partir da perspectiva ocupada por alguém: o que pode ser indiciado como um “lugar de fala” (ARENDETT, 2000). Afinal, uma narrativa (auto)biográfica depende de como percebemos a nós mesmos; como é o espaço social onde estamos; como somos; para quem nos compomos; com quem nos identificamos; em quem reverberamos. Estas sutilezas da existência são por vezes tão fugazes que resta saber justamente como é possível estruturar os eventos da vida de alguém de modo a torná-los inteligíveis? Como compreender a história de vida de uma pessoa considerando que a biografia de um in-

divíduo permite o desenvolvimento de considerações espelhadas sobre outros indivíduos bem como sobre a realidade de um determinado momento histórico, de uma determinada configuração social? Ou ainda: que consciência temos dos personagens que nos ocupam? Se pudéssemos ser outros, continuaríamos nós mesmos? Somos o-mesmo mesmo para os outros, que somos para nós mesmos? Visando abarcar estes questionamentos, o presente artigo propõe uma contaminação mútua entre o fazer histórico e a dimensão poética da produção de sentidos sobre a experiência.

É importante destacar que, esta temática que permeia a *identidade*, a *alteridade* e a *existência*, por ser de cunho intimista, tem sido específica a determinadas disciplinas do conhecimento que não foram contaminadas por *discursos de verdade*; pela *razão-objetiva*; ou, pela *codificação da realidade do real*.

Apesar desta relativa indiferença pela *subjetividade* como dimensão significativa para a compreensão da experiência social, outros tantos (muitas vezes pesquisadores inter|trans|pós-disciplinares) apontam a narrativa como de fundamental importância para outras tantas tramas teóricas de entendimento.

Já que geralmente é necessário citar autores para legitimar um discurso acadêmico, mesmo que este seja sobre nós mesmos, indico sutilmente alguns favoritos. Só para não correr o risco de ser irresponsável ou indelicada. Segue uma sequência de autores que elaboram possibilidades de compreensão que me interessam, mas que não esgotam a temática: muito pelo contrário (BENJAMIN, 1936; GOFFMAN, 1959; MEAD, 1963; KASTENBAUM, 1975; RUNYAN, 1982; POLLACK, 1989; ARCHER, 2009).

Entre estes tantos, Anthony Giddens (2009) indica uma reflexão sobre a “dupla hermenêutica” que caracteriza a pesquisa sociológica -mas que pode

ser dimensionada para a vida artística e a prática poética do cotidiano- já que, segundo este autor, os indivíduos em sua vivência (e como condição própria para a reprodução social da vida cotidiana) conhecem seu contexto e atribuem significação aos mesmos fenômenos pesquisados e (re)significados pelo sociólogo ou pelo artista ou etc. A “dupla hermenêutica” seria justamente este duplo processo de interpretação que acomete alguém por ser reflexivo e também por ser apenas mais um imerso de cotidiano. Isto é: cada um de nós constitui suas relações sociais a partir de propriedades estruturais espaço-temporalmente situadas como experiência interpretada.

Para esta discussão não aparentar excessivamente abstrata, retomo elementos de pesquisa anterior realizada (também) no intuito de refletir sobre os significados atribuídos à trajetória (auto) biográfica em um circuito artístico (ROSA, 2013). A confluência de possibilidades de reflexão não apenas sobre o que significa *ser* artista, mas também sobre como ocorre a experiência coletiva de *vir a ser* artista mediante um processo de formação (desde procedimentos de ensino mais ou menos formais até situações mais ou menos auto-didatas) permite compreender como o aprendizado do poético gera processos subjetivos de reflexão sobre a própria prática e sobre o contexto que estrutura a prática em dimensões que não necessariamente transparecem na poética.

São justamente estes processos subjetivos que acumulam sinceridades, incertezas, dúvidas, ansiedades, desgostos, contrariedades, erros, consternações, aflições, amarguras, fracassos... todo um campo semântico de sentimentos que muitas vezes não encontram lugar naquilo subentendido como o glamour do artístico.

À época, ao refletir sobre estas questões percebi que existia a possibilidade de elaborar uma tipolo-

gia não apenas sobre a trajetória, mas também sobre a identidade e a inserção em circuitos artísticos. No entanto, à medida em que realizava a escolha das categorias mediante as quais poderia elaborar tais tipologias, fui surpreendida por certa desconfiança quanto à possibilidade (ou pertinência) de tamanho empreendimento.

A desconfiança ocorreu ao confrontar o óbvio: as diferentes carreiras permeadas por especificidades biográficas que compilavam manifestações artísticas em linguagens híbridas e práticas heterodoxas, demandavam um cuidado teórico/metodológico para que cada uma fosse valorizada em sua especificidade: o que de certa forma inviabilizaria o desenvolvimento de uma tipologia. Ou seja: uma tipologia ao prover o ingresso deslocado de categorias díspares, não necessariamente conservaria a unicidade daquilo que pretendia jungir. Valeria à pena?

Particularmente, nunca soube responder. Compreender *“até que ponto valores, desejos e ansiedades criam necessidades inexistentes até então? Até que ponto a criação de necessidades implica a possibilidade de sua concretização?”*. Ou ainda: *“como ocorre a reivindicação ao discurso autêntico?”*. Estas não pareciam perguntas dignas de receber respostas plausíveis. Afinal, como *poderia supor, adivinhar, prever os vários vértices de seu processo? Como antecipar as consequências? Como projetar as próprias expectativas e a dos outros?* Talvez estas nem sejam questões fundamentais, mas de alguma forma permeavam o entendimento que tinha sobre elementos díspares, bem como sobre motivações, coqueluches e modismos mínimos do devaneio sutil. Com isto exposto, é possível retomar questões relativas à subjetividade.

Isto porque, a motivação é subjetiva: nem sempre evidente, tampouco imediatamente perceptível. Ainda mais, considerando que o poético nem sempre é um espaço normativo de compreensão. Assim,

será que a compreensão da motivação seria uma forma de elucidar até que ponto as ideias são funções do envolvimento social daqueles que as sustentam? Existem inúmeras situações sociais em que nos deparamos atônitos.

Muitas vezes nos questionamos se as pessoas percebem *quem são?*; *onde estão?*; *como agem?*; *como afetam os outros?*. Interessantemente, quando surgem Festas perguntas, geralmente respondemos imediatamente que não: que não é possível que as pessoas saibam qualquer coisa que seja, pois se

soubessem... tudo seria tão diferente. Quase sem querer, ao responder desta forma, provocamos constrangimento social: nos resguardamos em nosso estranhamento; desautorizamos o outro em sua consciência e responsabilidade; corroboramos para uma hierarquização da racionalidade perante outras formas de ser e agir; expiamos nossa própria piedade. Ficamos sem palavras. Eis que então, imaginei uma outra tipologia. Uma tipologia das 100 palavras para que eu não fique atônita em tempos dramáticos.

política	#17.ART	verdade	nunca	hipopótamo	hipotálamo	saúde	atchim
paranóia	escrevo	escravo	privilégio	SUS	ganância	justiça	lagartixa
impossível	pobRema	pobLema	olhar	vagabundo	viado	gazela	ovelha
coragem	artista	convivência	hipocrisia	rebanho	mediunidade	disponibilidade	desculpa
gratidão	escorpião	jaguar	verbo	amarelo	carnaval	bicicleta	inveja
abacaxi	coxinha	pamonha	pizza	cu	palavrão	emoção	marxismo
refrão	mutirão	inflação	educação	tesouro	ectoplasma	espírito	público
divergência	abstinência	malícia	calcinha	mercado	galeria	galera	mazela

marasmo	maravilha	alquimista	contorcionista	democracia	anarquia	punk	funk
futurista	nostalgia	antipatia	miopia	foda	nódoa	nojo	povo
maioria	redundância	carência	fome	elite	elítrio	martírio	mulher
estúpida	histórica	penetrável	lastimável	molhar	melhor	estar	em
paz		que		com		razão	

Figura 2. Luisa Günther (2018) Tipologia sem palavras para tempos atônitos. Instauração performático-acadêmica (ou) semiótica poética de 100 palavras, realizada no #17.art (Encontro Internacional de Arte e Tecnologia)

Referências

ARCHER, Margaret. *Making our way through the world: human reflexivity and social mobility*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução: Mauro Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994/1935.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução: Maria Célia Santos. São Paulo: Vozes, 1996/1959.

KASTENBAUM, R. Memories of tomorrow: on the interpenetrations of time in later life. In: C. Sherover (Org.), *The personal experience of time*. Nova York: NYU Press, 1975. (pp.193-214).

MEAD, George Herbert. *Mind, self and society*. Chicago: Chicago University Press, 1963.

POLLACK, Michel. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, 1989. (pp. 3-15).

RUNYAN, William McKinley. *Life histories and psychobiography. Explorations in theory and method*. Oxford: Oxford University Press, 1982.

Nota

1 VIS/UnB